
MATEUS, Samuel. *Introdução à retórica no séc. XXI*. Covilhã: ed. Labcom-ifp. 2018. 252 páginas.

RETÓRICA E COMUNICAÇÃO MEDIATIZADA

Leonardo TAVARES¹

Doutorando em Língua Portuguesa - PUC/SP

Mariano MAGRI²

Doutorando em Língua Portuguesa - PUC/SP

Embora tenha experimentado momentos mais e menos prósperos ao longo de toda a sua existência, a Retórica, seja como técnica, adorno, ciência ou qualquer outro qualificador que os pensadores já lhe tenham atribuído, nunca foi abolida ou relegada aos livros de história. Seus pressupostos quase sempre estiveram na mira de algum movimento de resgate e tentativa de adequação à conjuntura presente.

Nos últimos anos, por exemplo, especialmente pela imersão da tecnologia nos mais variados ramos da atividade humana, apareceram novas inquietações sobre a capacidade de os conceitos retóricos darem respostas às novas formas comunicativas. A Retórica sempre foi articulada dentro de um cenário em que o discurso era exposto presencialmente e os envolvidos partilhavam o mesmo espaço e o mesmo tempo. Para muitos atuais contextos, a tecnologia rompeu esse paradigma. Hoje, um discurso pode ser gravado, acrescido de som e imagem, transmitido e retransmitido para um número inimaginável de pessoas, em uma velocidade sem precedentes, com ausência de limites geográficos. Essa ruptura de necessidade da presença física, concomitante à inserção de elementos semióticos no discurso, vem provocando modificações no ato retórico. A ampliação do auditório e o provável desconhecimento de quem serão os interlocutores estimulam discursos massificados, estandardizados. Além disso, o auditório poderá ver e ouvir o discurso quantas vezes desejar e isso, em grande medida, produzirá oscilações patéticas,

¹Endereço eletrônico: leonardovitavares@yahoo.com.br

²Endereço eletrônico: ma.magri@terra.com.br

pois o mesmo discurso ouvido pela segunda vez não provocará as emoções causadas pela primeira.

A partir dessas considerações, algumas indagações surgem sobre a adequação das ideias até então propagadas pela Retórica: em que medida a capacidade de a tecnologia deslocar tempo e espaço muda a relação entre orador e auditório? A tecnologia deve ser considerada um elemento de prova retórica, à semelhança de *ethos*, *logos* e *pathos*, e virar o quarto elemento na tão consagrada tríade? A tecnologia, por si, é dotada de algum poder persuasivo?

Para discutir essas e outras questões sobre as concepções retóricas em tempos de comunicação mediatizada, Samuel Mateus, professor universitário, doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade Nova de Lisboa, escreveu o livro intitulado *Introdução à retórica no séc. XXI*. O livro foi esquematizado em quatro partes. O autor fez um percurso de resgate dos fundamentos e do sistema retórico, nas duas primeiras partes e introduziu novos elementos teóricos nas outras duas. O movimento não é de superação teórica, mas de adequação ao elemento tecnologia, à qual nos referimos como o poder que a rede mundial de computadores tem de possibilitar o encontro entre orador e auditório sem compartilhar espaço físico. Por servir como suporte a esse encontro e criar um ambiente com novas formas de se comunicar, o autor batizou esse fenômeno como *Retórica Mediatizada*.

A primeira parte, chamada de *Os fundamentos da retórica*, foi dividida em três capítulos. O **primeiro capítulo** se encarregou de situar a Retórica. O debate realizado não é novidade ao leitor iniciado, pois tratou a relação da Retórica com a linguagem, a moral, as práticas sociais e falou, rapidamente, da capacidade que a Retórica tem de persuadir, modificar crenças. O **segundo capítulo** colocou a Retórica em confronto com duas outras disciplinas limítrofes, a Dialética e a Erística, e objetivou conferir autonomia à Retórica, na medida em que lhe atribuiu posição de ciência. Nas palavras do autor, a “Retórica é uma arte tão antiga e rica que facilmente se confunde com outras disciplinas ou áreas da comunicação” (p. 47). O **terceiro capítulo**, o mais longo entre os três, remontou os altos e baixos da Retórica desde a Grécia antiga. Do ponto de vista histórico, o capítulo traçou a cronologia dos fatos: a) ascensão e queda com o movimento sofista e reabilitação com Aristóteles, da Grécia antiga à idade média; b) o esfriamento da Retórica com os regimes autoritários, da idade média ao início do século XX; e c) o reaquecimento com a nova

retórica perelmaniana, no início do século XX. Do ponto de vista teórico, destacou a importância dada, em cada período, às provas retóricas. Na Grécia antiga, o argumento (*logos*) era o elemento principal da Retórica. Próximo à idade média, com os latinos Cícero e Quintiliano, a importância voltou-se à imagem do orador (*ethos*). Já no reaquecimento da retórica, o princípio é persuadir para ganhar a adesão do auditório (*pathos*).

A segunda parte, denominada *O sistema retórico*, foi composta de elementos da Retórica clássica e da nova Retórica, em dois capítulos. Foi pela leitura desses capítulos que concluímos não se tratar de uma tentativa de superação teórica, pois o movimento foi inteiramente de resgate. O **quarto capítulo** trouxe o esqueleto retórico. O autor abordou os gêneros retóricos e explicou, de forma análoga à exposta em diversos outros autores, o tempo em que cada gênero se situa, a finalidade do gênero, como o auditório é composto etc. Na sequência, ressaltou as provas retóricas, *ethos*, *logos* e *pathos*, mostrou como cada uma delas se sobressai dentro dos gêneros e, por fim, como podem ser sistematizadas pela clássica técnica conhecida como partes retóricas: invenção, disposição, elocução, memória e ação. É por meio dessas partes que o orador organiza o discurso com vistas ao máximo efeito retórico. O **quinto capítulo**, *Formas argumentativas*, é um resumo dos conceitos da nova Retórica de Chaïm Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca. Para sair da esfera acadêmica, o autor entrou nesses conceitos com o argumento de que são necessários para aprofundar a dimensão persuasiva e alcançar o máximo de mentes. Abordou os elementos do acordo prévio entre orador e auditório e demonstrou os tipos de argumentos, quais sejam, os quase-lógicos, os que são fundados na estrutura do real, os que fundam a estrutura do real e os de dissociação, também conhecidos como falácias. Por fim, é importante dizer que os capítulos três e quatro retrataram um conteúdo que pode ser encontrado em vários outros autores da linha Retórica. O leitor iniciado nesse assunto pode prescindir desses capítulos e ir direto à terceira parte.

A terceira parte, por sua vez, intitulada de *A retórica mediatizada*, é quando o autor começou a mostrar o diferencial de seu livro. É o momento em que iniciou uma interseção teórica, pois toda a Retórica resgatada nas duas primeiras partes serviu de ponto de partida para discutir a persuasão em tempos de comunicação em massa. Nas palavras do autor, a “Retórica, hoje, é completamente distinta” (p.157). Para trazer os novos conceitos, dividiu a terceira parte em três capítulos. É no **sexto capítulo** que o autor

se preocupou em mostrar a persuasão sem os limites do discurso verbal e da presença física. Para Mateus, a introdução da tecnologia possibilitou a inserção de elementos semióticos e modificou os processos de persuasão de acordo com a Retórica Clássica e a Nova Retórica, pois os gêneros retóricos: a) sofreram uma abertura e não mais se limitam ao judiciário, político e demonstrativo; b) ultrapassaram o discurso do orador perante uma assembleia e estilhaçaram-se em outros contextos de uso; e c) a adequação ao auditório fica comprometida, porque tende haver discursos massificados e padronizados. A partir dessa diferenciação, o autor fez algumas remodelações dos meios de provas. A primeira modificação proposta pelo autor foi a de tornar o triângulo, composto pela tríade *ethos*, *logos* e *pathos*, em quadrado retórico, com a inserção da tecnologia em uma das pontas, pois, para o doutor em comunicação, a tecnologia “altera as próprias formas de persuasão [...] porque o orador está agora perante auditórios distantes no espaço e no tempo” (p. 163). Um dos efeitos provocados pelo quadrado retórico é a mudança de auditório para audiência. Foram dedicadas algumas páginas para exemplificar as diferenças entre elas, sob a ótica do autor. Outro efeito que compromete a Retórica Clássica é a erosão dos gêneros retóricos. Para Mateus, a tecnologia afeta a noção de tempo (passado, presente e futuro), a tripartição do gênero (judiciário, demonstrativo e político) e a finalidade (justo, belo e útil), na medida em que atua para confluir essas características, o que ocasiona um apoio mútuo e, ao mesmo tempo, uma dificuldade de distinção. Por fim, também citado como provocador de mudança com o uso da tecnologia da comunicação, temos *pathos* e *ethos*. Não há proposta de modificação de seu conceito original. *Pathos* continua atrelado às paixões e *ethos* à imagem do orador. Todavia, a título de exemplo, o autor mostrou que o discurso publicitário não é listado pela Retórica Clássica como um gênero e, atualmente, esse discurso apela em demasia ao *pathos*. Se pegarmos o mesmo discurso publicitário, também a título de exemplo, a contribuição do *ethos* para a persuasão sofre grande pressão, pois “exponenciam a importância do caráter, da idoneidade e da imagem pública” (p. 171). Feitas essas considerações, o estudioso português falou, no **sétimo capítulo**, sobre a importância dos estudos do discurso para a compreensão dos efeitos de sentido em épocas de comunicação mediatizada. Para isso, introduziu elementos semióticos no universo de possibilidades de análise retórica por meio da retórica visual e da retórica da publicidade. Na primeira, foi ilustrada a importância das imagens na organização das sociedades. É como se houvesse uma transferência do discurso oral para o visual. O orador persuade pelo discurso, enquanto o pintor representa pictoriamente,

mas ambos exercitam a linguagem, verbal ou não, para persuadir. Na segunda, retórica da publicidade, houve referência ao conjunto de mecanismos frequentemente utilizados, como as figuras de estilo. Nas palavras do autor, “a publicidade possui um conjunto de atributos persuasivos tão próprios que, ao modificar as estruturas tradicionais de funcionamento da Retórica, inaugurou um novo campo de análise da persuasão no contexto das sociedades mediatizadas” (p. 181). Por último, na terceira parte do livro, o **oitavo capítulo**, o autor demonstrou como fazer análise retórica e a distinguiu da área de análise do discurso e de análise de conteúdo, porque a Retórica não se limita à interpretação do discurso, já que, além do discurso, há a preocupação com as estruturas argumentativas utilizadas no processo de persuasão. Na sequência, ofertou alguns elementos metodológicos para fazer análise retórica de discurso, como: saber “a quem fala, quando fala, com que objetivo fala, o tema e o tom do discurso”; as estratégias argumentativas utilizadas, como a sobressaliência de uma das provas retóricas etc.; o estilo da fala ou do texto, em termos de dicção, tonalidade, quando da fala e da escolha lexical e sintática, quando do texto.

A quarta parte abrigou os dois últimos capítulos. O **nono capítulo** foi ocupado com as questões em torno da persuasão da e na tecnologia. Segundo o autor, há uma tendência de que os computadores interajam com os humanos da mesma forma que os humanos interagem entre si. Como os oradores procuram melhorar seu modo de persuadir, assim os computadores farão na interação com seus utilizadores. Logo, como as tecnologias são concebidas para mudar atitudes, podem ser enxergadas como capazes, por si, de persuadir. Trouxe a informação da existência de uma área dedicada a esse tipo de estudo: a Captologia. Segundo os estudos dessa área, a Retórica vem sendo deslocada de um nível estritamente humano para um nível tecnológico e, ao pender para o lado da tecnologia, ganha uma tríade específica à persuasão: ferramenta, meio e ator social.

Os computadores podem, assim, ser vistos enquanto Ferramenta (Tool), Meio (Medium) e Actor Social (Social Actor). Considerados como Ferramenta, os sistemas informáticos aumentam as capacidades e as competências dos seus utilizadores (ex: um guia de instalação ou utilização do software); enquanto Meio, eles exploram uma relação de causa e efeito oferecendo uma experiência motivadora acerca de alguma coisa, ajudando os indivíduos a ensaiar um determinado comportamento (ex: simulações e jogos); e enquanto Actores, os sistemas computacionais criam relações sociais. (p. 216).

Ainda no nono capítulo, embora a Captologia seja fundamental aos estudos da persuasão nas tecnologias, o autor comentou sobre a Retórica Procedimental, a qual visa estudar a prática de persuadir por meio de processos e coloca o foco na criação de argumentos que não usam palavras ou imagens, mas os processos gerados via programação de computadores que “reivindicarão ou sugerirão uma dada representação acerca do mundo” (p. 221). Para finalizar, distinguiu a harmonia entre as duas áreas, mas citou que, enquanto a Captologia se ocupa com a persuasão por meio da tecnologia de modo amplo, a Retórica Procedimental se especializa em vídeo-games. No **décimo e último capítulo**, o pesquisador finalizou o livro com a explanação de três áreas em expansão sobre o estudo da Retórica: a Retórica Digital, Retórica do Silêncio e Retórica e “Pragma-dialéctica”. A primeira é o campo com dedicação aos estudos de como as mídias digitais e a comunicação *online* são usadas para influenciar indivíduos. A segunda estuda como o orador utiliza o silêncio de maneira estratégica. A princípio, por ser a Retórica uma arte que atua pela palavra, pode soar um paradoxo, mas o silêncio, ou seja, saber quando não falar, está cheio de representações e pode ressaltar uma importante aptidão do orador. A terceira, por fim, como sugere o próprio nome, é uma junção da teoria dos atos de fala, de Paul Grice, da área da pragmática, com a dialética, pois a realização de um ato de fala supõe uma situação comunicativa entre duas ou mais pessoas. É uma perspectiva de estudo que contribui para entender as fases da argumentação e vem sendo aplicada para mediar conflitos em negociação, debate parlamentar, mediação em disputas jurídicas, entre outras.

O livro tem uma proposta que vale a pena ser lida. Não se trata de ler e advogar pelas questões apresentadas. É inegável que a tecnologia rompeu muitos paradigmas e ofertou novas formas de se relacionar e, por consequência, criou novas maneiras de se comunicar. Todavia, em nossa leitura, houve certo exagero ao dizer que a Retórica deixou de ser o que é em função da entrada da tecnologia. Em primeiro lugar, ainda há uma gama enorme de contextos em que as pessoas interagem presencialmente. A título de exemplos, há escritórios em larga escala, há muitas escolas com cursos presenciais, igrejas estão lotadas de fiéis, as casas legislativas da maioria dos países ainda usam sessões presenciais, audiências em fóruns são feitas presencialmente. Em segundo, guardamos muitas ressalvas quando se diz que computador é dotado de poder de persuadir. Computadores, robôs, celulares são objetos programados para ter determinados comportamentos. Os

tecnólogos e estrategistas, dotados da capacidade de refletir sobre o comportamento humano, reproduzem e ainda de forma muito rudimentar, as interações humanas dentro de um aparato tecnológico. Parece não restar dúvida de que a tecnologia mudou, muda e vai mudar muita coisa nas relações humanas, mas concluir, a partir disso, que chegamos à era em que um computador é dotado de poder de persuadir, tem um hiato considerável. Para nós, é o humano que arrumou um intermediário para poder falar em larga escala, mas a intenção é de um humano. Em terceiro lugar, a Retórica Clássica não perdeu seus pressupostos originais, na medida em que continua havendo quem fala, o que fala e para quem fala. Há, como demonstrado em demasia no livro, a mediação de uma tecnologia que desloca tempo e espaço e, com isso, o ato retórico ganha novos contornos em ambientes mediatizados, pois o mesmo discurso pode ser reproduzido infinitamente, entretanto, não deixam de conter um *ethos*, representante da imagem do orador, um *logos*, representante do discurso e um *pathos*, cativador das paixões. Pode, sim, provocar maneiras diferentes de se comportar no discurso e a inserção da dificuldade de representar o auditório, mas, a nosso ver, é uma adequação ao contexto.

Entretanto, ainda que haja, em nossa avaliação, exageros em relação à força da tecnologia em uma transformação de uma teoria milenar, o livro é interessante e traz questões atuais sobre a comunicação em tempos de mediatização. Ao leitor desconhecedor da Retórica, o livro introduz os principais elementos e já oferta uma série de questionamentos significativos sobre as novas formas de comunicar. Ao leitor iniciado, o livro poderá instigar a repensar as estratégias argumentativas com a invasão da tecnologia nas relações de comunicação. Embora a Retórica seja antiga, os contextos são mutáveis e se atualizar em relação às inquietações apresentadas no livro é uma boa maneira de continuar os estudos sobre ela.

Envio: abril/2020

Aceito para publicação: maio/2020